

# BEM ESTAR ANIMAL NO TRANSPORTE DE SUÍNOS PARA O ABATEDOURO

BAIOTTO, Nadine Maria Mann<sup>1</sup>. FISS, Letícia<sup>2</sup>. SALAZAR, Ludmila<sup>2</sup>.

**PALAVRAS CHAVE:** manejo, qualidade da carne, transporte.

1

## INTRODUÇÃO

Bem-estar animal é definido como o estado do animal na sua tentativa de adaptação ao meio ambiente, podendo ser medido e melhorado com a ação antrópica. As cinco liberdades determinam que os animais devam estar: 1) Livres de fome e sede; 2) Livres de desconforto; 3) Livres de dor, ferimentos e doenças; 4) Livres para expressar seu comportamento natural e; 5) Livres de medo e de estresse.

Foi comprovado cientificamente que o suíno é um dos animais mais inteligentes. É curioso, tem alta capacidade de aprendizado, e um complexo repertório comportamental. Sua capacidade cognitiva é similar que a de um cão (VELONI, 2013). Conseqüentemente, o suíno busca conhecimento do seu espaço em que esteja contido. Assim sendo, o espaço oferecido pelos suinocultores deve ser planejado baseando-se no sistema de produção adotado, seja ele, intensivo, semi-intensivo ou extensivo. O sistema extensivo, onde o animal é criado solto é mais utilizado em granjas familiares, garantido a exploração em pequena escala. Nos sistemas semi-intensivos, a preocupação com saúde e bem estar do animal é maior, pois o nível de produção é mais elevado para atender a comercialização, sendo que neste sistema o animal fica parte do tempo confinado e parte com acesso a áreas abertas planejadas. No caso dos sistemas intensivos, as instalações são verdadeiras fábricas de produção onde se prima pelo controle ambiental, equipadas com tecnologia para produção de carne de forma eficiente e rentável, considerando custos e benefícios resultantes da produção em larga escala (KLOOSTER e WINGELAAR, 2011).

Estudos realizados por Reis (2012) com o objetivo de avaliar o melhor sistema de produção observaram que o sistema intensivo se preocupa com a movimentação, emoções e sentimentos dos animais em curto prazo, enquanto o extensivo se preocupa com o comportamento ecológico em longo prazo. Conforme Reis (2012), a interação dos dois sistemas resultaria no maior progresso de bem estar animal, pois incluiriam estudos voltados aos benefícios dos sistemas como disponibilidade de alimento e territorialidade,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta. [nadinebaiotto@hotmail.com](mailto:nadinebaiotto@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professores do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta. [lfiss@unicruz.edu.br](mailto:lfiss@unicruz.edu.br).  
[lnoskoski@unicruz.edu.br](mailto:lnoskoski@unicruz.edu.br).

necessidades sociais, transmissão cultural do conhecimento e imprevisibilidade dos animais, (REIS, 2012).

Desse modo, o presente trabalho de revisão busca levantar informações sobre os melhores procedimentos que tange a etapa de transporte sobre a qualidade nutricional da carne suína.

## **REVISÃO**

Nas investigações efetuadas por Silveira (2010) constataram que, durante a etapa de embarque, o manejo no transporte é o momento de maior estresse devido principalmente a fatores como: 1) à interação homem-animal; 2) adaptação do suíno à mudança de ambiente e; 3) às dificuldades de deslocamento sobre as rampas dos caminhões. O estresse dos suínos na etapa embarque dos suínos é elevado de tal modo que resulta no aumento do batimento cardíaco dos animais, variando de 80 até 250 bpm. Silveira (2010) observou que, na maioria das vezes em que os casos de ritmia cardíaca não eram controlados, resultou na parada cardíaca do animal, representando perdas econômicas, principalmente .

Segundo Araújo (2011), ao longo do transporte fatores como: 1) a existência de novos ambientes; 2) condições adversas; 3) variações na velocidade do veículo; 4) ruídos; 5) cheiros novos e distintos; 6) espaço mais confinado e; 7) a já citada interação homem-animal (SILVEIRA, 2010), caracterizam-se como fatores que levam ao estresse animal e comprometem o bem-estar, o rendimento da carcaça e a qualidade da carne (ARAÚJO, 2011). Em relação ao tempo de transporte e distância percorrida, Fávero e colaboradores (EMBRAPA, 2012) aconselha que se adotem cuidados especiais em viagens com tempo superior a três horas, devendo-se escolher criteriosamente a rota levando em consideração o tempo e qualidade do trajeto. É preciso considerar também que trajetos curtos possam impossibilitar o relaxamento do animal, agindo como fator de estresse e impactando na qualidade da carne no momento do corte. Barris e Brown (2000) asseguraram que o mau manuseio na etapa de pré abate provoca estresse em curto prazo, resultando na pior qualidade da carne uma vez que o padrão de acidificação muscular *post-mortem* é afetado, provendo em carne PSE (*Pale, Soft, Exudative* – pálida, mole e exsudativa) e, quando o suíno é submetido ao estresse em longo prazo produz carne DFD (*Dark, Firm, Dry* – escura, dura e seca) (WARRISS e BROWN, 2000). Da mesma forma, trajetos longos podem aumentar o estresse do animal, devido ao período de jejum prolongado e as condições de movimentação, influenciando também na qualidade da carne. O desembarque deve ser efetuado logo após a chegada do caminhão ao frigorífico, assim deve-se ter uma estrutura logística para comportar o descarregamento e direcionamento dos suínos às pocilgas utilizando [Digite texto]

manejo correto (REIS, 2012). Fatores climáticos no momento do desembarque devem ser monitorados como parte da garantia da manutenção das normas de bem estar animal. Neste sentido deve-se monitorar o vento, chuva ou sol forte durante o descarregamento, devido ausência de coberturas, ou a inadequação de iluminação, interação homem-animal, inclinação da rampa, entre outros fatores que podem influenciar nos níveis de desconforto animal (REIS, 2012).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base na revisão realizada, pode se concluir que o manejo pré abate, carregamento e transporte têm grande importância na qualidade da carne, necessitando de um conjunto adequado de procedimentos que garantam, dentro do possível, o bem estar animal. Paralelamente, para a boa implementação desses procedimentos se ter o treinamento necessário do corpo operacional envolvido com esta etapa da cadeia produtiva. Os métodos utilizados para mensurar a qualidade de vida desses animais e o nível de bem estar animal também são de grande importância. Sabe-se a que a suinocultura evoluiu muito nesses últimos anos e, com isso, aumentou a preocupação com o bem estar animal, para não ocorrer perdas econômicas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARAÚJO, A. P. et al. Comportamento dos suínos nas baias de espera em frigoríficos brasileiros. Comunicado Técnico Embrapa 488, Concórdia, SC, 2011.
- BRAUN, J.A. O bem-estar animal na suinocultura. EMBRAPA. Anais. 1º Conferência internacional virtual sobre qualidade de carne suína: Bem-estar, transporte, abate e consumidor. Concórdia, SC, 2000.
- EMBRAPA. Sistemas de produção de suínos. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Suinos/SPSuinos/index.html>. Acesso em: 12/05/16.
- KLOOSTER, J.V.T. & WINGELAAR, A. Criação de porcos nas regiões tropicais. 5ª Ed. Agrodok 1: Tradução de Rob Barnhoorn. Agromisa, 2011.
- REIS, J. G. M. et al. Impactos no transporte de suínos entre a granja e o frigorífico. ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, v. 32, 2012.
- SILVEIRA, E. T. F. Manejo pré-abate de suínos e seus efeitos na qualidade da carcaça e carne. Suínos & Cia. Ano VI, nº 34, 2010.
- VELONI, Mariana et al. Bem-estar animal aplicado nas criações de suínos e suas implicações na saúde dos rebanhos. Revista Científica Eletrônica de medicina Veterinária, v. 21, n. 1, p. 1-21, 2013.